

Dolores Redondo

**Legado nos Ossos**

Tradução  
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para Eduardo, cada palavra.



Não terá esse homem consciência do seu ofício,  
cantando enquanto abre uma cova?

*Hamlet*, WILLIAM SHAKESPEARE

Quantas vezes o túmulo encerra, sem o saber,  
dois corações num mesmo esquite!

ALPHONSE DE LAMARTINE

Que a dor quando é por dentro é mais forte, não  
alivia quando se conta aos outros.

*Si hay Dios*, ALEJANDRO SANZ



## *Itxusuria*

Localizou o túmulo guiando-se pela linha que a água havia desenhado no solo ao cair do beiral do telhado da casa. Ajoelhou-se e do meio das suas roupas extraiu uma colher de jardinagem e uma picareta com que revolveu a superfície compacta da terra escura, que se desprendeu em torrões húmidos e esponjosos, destilando um aroma delicioso semelhante a madeira e a musgo.

Com cuidado, foi eliminando camadas de uns quantos centímetros até que, misturados com a terra, surgiram pedaços enegrecidos de pano apodrecido.

Escavou com as mãos afastando o tecido onde ainda se adivinhava uma mantinha de berço que se desfez assim que lhe tocou, deixando a descoberto o pano encerado que envolvia o corpo. Mal se viam os restos da corda que o havia atado, deixando sobre o tecido um desenho marcado e profundo no local onde o cingiu. Retirou os restos do cordel, reduzido a papa entre os seus dedos, e acariciou a superfície em busca do rebordo do tecido que, mesmo sem o ver, adivinhou com várias voltas de pano. Enterrou os dedos na ponta da trouxa e rasgou a mortalha, que se abriu como se estivesse a utilizar uma faca.

O bebé jazia enterrado de bruços como se dormisse embalado na terra; os ossos, assim como o tecido, apresentavam-se bem conservados, ainda que tingidos pela terra escura no vale de Baztán. Estendeu uma das mãos que quase cobriu o corpinho, comprimiu o tórax de encontro à terra e sem resistência arrancou o braço direito, que quando se soltou

quebrou a pequena clavícula com um suave estalido, como um suspiro que, proveniente da sepultura, se queixasse da espoliação. Recuou, de súbito intimidado, pôs-se de pé, enfiou os ossos no meio das roupas e deitou um último olhar à campa, antes de empurrar com os pés a terra para o seu interior.

## Capítulo 1

O ambiente no tribunal era irrespirável. A humidade da chuva, agarrada aos casacos, começava a evaporar-se, misturada com o hálito de centenas de pessoas que abarrotavam os corredores em frente das diversas salas. Amaia desabotoou o casaco a três quartos ao mesmo tempo que cumprimentava o tenente Padua, que, depois de falar por breves instantes com a mulher que o acompanhava e instando-a a entrar na sala, se aproximou esquivando-se das pessoas que aguardavam.

– Inspectora, tenho muito prazer em vê-la. Como está? Não tinha a certeza se podia estar aqui presente hoje – disse, com um gesto para o ventre protuberante.

Ela levou uma das mãos à barriga, que evidenciava a última fase da gestação.

– Bem, parece que pelo menos por agora vai aguentar. Já viu a mãe de Johana?

– Sim, está bastante nervosa. Espera lá dentro acompanhada pela família. Acabam de me ligar lá de baixo para dizer que chegou o carro que traz Jasón Medina – respondeu, dirigindo-se para o elevador.

Amaia entrou na sala e sentou-se num dos bancos do fundo; ainda assim conseguia ver a mãe de Johana Márquez, enlutada e muito mais magra do que no funeral da menina. Como se se tivesse apercebido da sua presença, a mulher voltou-se para olhar para ela e cumprimentou-a com um breve gesto de assentimento. Amaia tentou sorrir, sem o conseguir, enquanto apreciava a aparência lavada e sem maquilhagem



daquela mãe atormentada pela certeza de não ter podido proteger a filha do monstro que ela havia levado para dentro de casa. O escrivão procedeu à leitura em voz alta dos nomes dos citados. Não lhe passou despercebida a expressão de crispação que se desenhou na cara da mulher ao escutar o nome do marido.

– Jasón Medina – repetiu o escrivão. – Jasón Medina.

Um polícia fardado entrou a correr na sala, aproximou-se do escrivão e sussurrou-lhe algo ao ouvido. Este, por sua vez, inclinou-se para falar com o juiz, que ouviu o que lhe foi dito, assentiu, chamou o promotor e a defesa, disse-lhes umas breves palavras e pôs-se de pé.

– A sessão está suspensa. Serão convocados de novo se assim se justificar. – E, sem dizer mais nada, saiu da sala.

A mãe de Johana começou a gritar ao mesmo tempo que se virava para ela em busca de respostas.

– Não. – gritou. – Porquê?

As mulheres que a acompanhavam tentaram em vão abraçá-la de modo a refrear o seu desespero.

Um dos polícias aproximou-se de Amaia.

– Inspectora Salazar, o tenente Padua pede-lhe que desça até aos calabouços.



Assim que saiu do elevador, viu que um grupo de polícias se aglomerava em frente à porta das casas de banho. O guarda que a acompanhava fez-lhe sinal para que entrasse. Um polícia e um guarda prisional estavam encostados à parede com os rostos desfigurados. Padua contemplava o interior do cubículo, posicionado na borda da poça de sangue que escorria por debaixo da estrutura que separava as sanitas e que ainda não havia começado a coagular. Quando viu a inspectora entrar, desviou-se para o lado.

– Disse para o guarda que precisava de ir à casa de banho. Como pode ver, está algemado, mas mesmo assim conseguiu cortar o pescoço. Foi tudo muito rápido, o polícia não se afastou daqui, ouviu-o tossir e entrou, mas já não pôde fazer nada.

Amaia deu um passo em frente para ver o cenário. Jasón Medina estava sentado na sanita com a cabeça atirada para trás. Um corte escuro e profundo sulcava-lhe o pescoço. O sangue empapara o peitilho da camisa como um babete vermelho que lhe tivesse escorregado entre as pernas, tingindo tudo à sua passagem. O corpo ainda emanava calor, e o odor da morte recente viciava o ar.

– Ele fez isto com o quê? – perguntou Amaia não vendo nenhum objecto.

– Com um x-acto. Caiu-lhe das mãos quando perdeu as forças e foi parar à sanita do lado – respondeu, empurrando a porta do sanitário seguinte.

– Como conseguiu introduzir isto aqui dentro? É de metal, o detector devia tê-lo detectado.

– Não foi ele quem o trouxe, inspectora. Veja – retorquiu apontando com um gesto –, se reparar bem, verá que o cabo do x-acto tem um bocado de fita adesiva colado nele. Houve alguém que se deu a um enorme trabalho para deixar o x-acto aqui, de certeza atrás do autoclismo, e ele só precisou de descolá-lo do esconderijo.

Amaia suspirou.

– E não é tudo – disse Padua, descontente. – Isto estava a sair do bolso do casaco do Medina – declarou levantando com a mão enluvada um sobrescrito branco.

– Uma carta de suicídio – sugeriu Amaia.

– Não exactamente – replicou Padua estendendo-lhe um par de luvas e o papel. – E é-lhe dirigida a si.

– A mim? – estranhou Amaia.

Calçou as luvas e pegou no sobrescrito.

– Posso?

– Força.

A aba estava colada com uma cola fraca que cedeu sem se rasgar. Lá dentro, um cartão branco com uma única palavra escrita ao centro no papel.

*Tarttalo.*

Amaia sentiu uma forte pontada no ventre, susteve a respiração disfarçando a dor, virou o papel de modo a verificar que não havia nada escrito no verso, e estendeu-o a Padua.

- O que significa?
- Estava à espera que a senhora me dissesse.
- Pois a verdade é que não sei, tenente Padua, não significa grande coisa para mim – respondeu Amaia um pouco confusa.
- Um *Tarttalo* é um ser mitológico, não é?
- Pois... sim, até onde sei é um ciclope da mitologia greco-romana, e também da mitologia basca. Aonde quer chegar?
- A senhora trabalhou no caso do *Basajaun*, que também era um ser mitológico, e agora é o assassino confesso de Johana Márquez, que por coincidência tentou imitar um crime do *Basajaun* para esconder o seu, suicida-se e deixa um bilhete endereçado a si, um bilhete onde escreve *Tarttalo*. Não vai dizer-me que não é no mínimo curioso.
- Sim, admito-o – suspirou Amaia. – É estranho, mas a seu tempo já definimos sem lugar para dúvidas que Jasón Medina violou e assassinou a enteada e depois tentou de forma bastante grosseira e atabalhoada imitar um crime do *Basajaun*. Além disso, confessou com todo o requinte de pormenores. Está a insinuar que talvez não tenha sido ele o autor do crime?
- Não tenho a menor dúvida de que foi ele quem o cometeu – afirmou Padua olhando para o cadáver com uma expressão de repugnância. – Contudo, também temos o assunto da amputação e dos ossos da miúda que apareceram em Arri Zahar, e agora isto, contava que a senhora pudesse...
- Não sei o que significa isto, nem por que razão me endereçou o bilhete.
- Padua suspirou sem deixar de observar a expressão dela.
- Claro, inspectora.



Amaia dirigiu-se à saída das traseiras decidida a não se encontrar com a mãe de Johana. Não saberia o que lhe dizer, talvez que tudo terminara, ou que por fim aquele desgraçado se escapulira para o outro mundo como a ratazana que era. Mostrou aos guardas o crachá e por fim viu-se livre da atmosfera do interior do edifício. Parara de chover e, através das nuvens, a luz incerta e brilhante que surgia entre aguaceiros tão típica

de Pamplona arrancou-lhe algumas lágrimas enquanto remexia na mala à procura dos óculos de sol. Custara-lhe arranjar um táxi que a levasse até ao tribunal na hora de ponta. Quando chovia acontecia sempre a mesma coisa, mas agora uns quantos automóveis faziam fila na praça enquanto os pamploneses optavam por ir a pé. Parou por um momento diante do primeiro. Não queria ir já para casa, a perspectiva de ter Clarice à sua volta e a bombardeá-la com perguntas não a atraía. Desde que os sogros haviam chegado há duas semanas, o conceito de lar sofrera sérias alterações. Olhou para as convidativas montras envidraçadas das pastelarias situadas em frente do tribunal e no fim da Calle de San Roque, de onde vislumbrou as árvores do parque da Media Luna. Calculou um quilómetro e meio até casa e começou a caminhar. Se se cansasse, podia apanhar um táxi.

Sentiu um alívio imediato quando ao entrar no parque deixou o ruído do trânsito para trás, e a frescura da erva molhada substituiu o fumo dos carros. De maneira imperceptível abrandou o passo e meteu por um dos carreiros de pedra que recortavam a verdura perfeita. Inspirou fundo para absorver o ar e deixou-o sair muito devagar. *Uma manhã tramada*, pensou; Jasón Medina encaixava na perfeição no perfil do réu que se suicida na prisão. Violador e assassino da filha da mulher, permanecera isolado a aguardar julgamento, e era certo e sabido que a perspectiva de se juntar aos presos comuns após a condenação o havia aterrorizado. Lembrava-se dele dos interrogatórios nove meses antes, durante as investigações do caso *Basajaun*, como um cobardolas choroso e assustado, que confessava as atrocidades cometidas no meio de um mar de lágrimas.

Embora fossem casos diferentes, o tenente Padua da Guardia Civil tinha-a convidado a participar, devido à tentativa grosseira de Medina em imitar o *modus operandi* do assassino em série que perseguia, baseando-se no que lera na imprensa. Nove meses, mesmo quando ficou grávida. Muitas coisas mudaram desde então.

– Não é verdade, pequena? – sussurrou, acariciando a barriga.

Uma forte contracção obrigou-a a parar. Apoiada no guarda-chuva e inclinada para a frente, aguentou a impressão de terrível picada no baixo-ventre, que se propagou até à parte interior das coxas, provocando-lhe uma câibra que lhe arrancou um gemido, não tanto de dor mas de surpresa pela intensidade. A vaga de dor diminuiu tão depressa como chegara.

Quer dizer então que era assim. Tinha-se perguntado milhares de vezes como seria quando chegasse a hora do parto e se saberia distinguir os primeiros sinais ou se seria uma dessas mulheres que chegam ao hospital já com a cabeça da criança de fora ou que dão à luz num táxi.

– Oh, pequena – falou-lhe com doçura –, ainda falta uma semana, tens a certeza de que queres sair já?

A dor havia desaparecido como se nunca tivesse vindo. Sentiu uma alegria imensa e uma vaga de nervosismo ante a iminência da sua chegada. Sorriu feliz e olhou em volta como que a desejar partilhar a sua satisfação, mas o parque estava deserto, húmido e fresco, de um verde-esmeralda que, com a luz brilhante que se projectava através da camada de nuvens que cobria Pamplona, era ainda mais radiante e bonito, fazendo-lhe lembrar a sensação de descoberta que sempre tinha em Baztán e que foi para ela um presente inesperado em Pamplona. Retomou o caminho, transportada agora até ao mágico bosque e aos olhos dourados do senhor daqueles domínios. Apenas nove meses antes encontrava-se a investigar ali, no lugar onde nascera, no lugar onde sempre teve vontade de ir, o lugar onde regressou para dar caça a um assassino e onde concebeu a sua menina.

A certeza da filha a crescer dentro de si concedera à sua vida o bálsamo de calma e serenidade que sempre tinha imaginado e que naquele momento havia sido a única coisa que podia ajudá-la a enfrentar os terríveis factos que lhe tocara viver e que uns meses antes acabariam com ela. Voltar a Elizondo, remexer no passado e, sobretudo, a morte de Víctor tinham transtornado o seu mundo e o da família. A tia Engrasi era a única que ficara impassível, baralhando as cartas, jogando póquer todas as tardes com as amigas e sorrindo dessa maneira como fazem os que se encontram na mais perfeita desilusão. Flora mudara-se às pressas para Zarautz, com o pretexto de gravar diariamente os programas de culinária para a televisão nacional, e cedera, quem havia de dizer, o comando da Mantecadas Salazar a Ros, que, para surpresa de Flora e confirmando o que Amaia sempre pensara, se havia revelado uma magnífica gerente, se bem que um pouco assoberbada no início. Amaia tinha-se oferecido para ajudá-la e quase todos os fins-de-semana dos últimos meses passara-os em Elizondo, embora se desse conta há muito tempo de que Ros já não precisava do

seu apoio. No entanto, continuava a deslocar-se até lá, para almoçar com elas, para dormir em casa da tia, a casa. A partir do momento em que a sua menina começou a crescer dentro do seu ventre, a partir do momento em que se atrevera a dar nome ao medo e a partilhá-lo com James, e sem dúvida também devido ao conteúdo do DVD que guardava com a arma no cofre do quarto, soube-o, soube que tinha uma certeza, uma sensação de lar, de raiz, de terra, que julgara perdida durante anos e para sempre.

Quando entrou na Calle Mayor começou a chover de novo. Abriu o chapéu-de-chuva e caminhou esquivando-se às pessoas que andavam às compras e a alguns transeuntes apressados e desprotegidos que andavam meio encurvados debaixo dos beirais dos edifícios e dos toldos das lojas. Parou diante da montra colorida de uma loja de roupa para crianças e observou os vestidinhos cor-de-rosa bordados com minúsculas florzinhas, e pensou que talvez Clarice tivesse razão e devesse comprar uma coisa assim para a menina. Suspirou, de súbito mal-humorada, enquanto pensava no quarto que Clarice lhe preparara para a filha. Os sogros tinham vindo para o nascimento da menina, e embora só estivessem em Pamplona há dez dias, já conseguira esgotar as piores previsões de sogra intrometida que se podia esperar. Desde o primeiro dia manifestara a sua estranheza por ainda não terem arranjado um quarto para o bebé quando havia vários quartos vazios na casa.

Amaia recuperara um berço antigo de madeira nobre que durante anos estivera na sala de estar da tia Engrasi, servindo como depósito de lenha. James passara-o com lixa até lhe deixar à mostra o veio sob a camada de verniz velho, envernizara-o de novo e as amigas de Engrasi costuraram uns chambers lindíssimos e um cobertor branco que realçava o valor e a tradição do bercinho. O quarto deles era grande, tinham espaço de sobra, e a ideia da menina num outro quarto não conseguia convencê-la, por mais vantagens que os especialistas atribuíssem a esse facto. Não, não lhe agradava, pelo menos por enquanto. Os primeiros meses, enquanto estivesse a amamentá-la, tê-la perto de si facilitaria as mamadas nocturnas e contribuiria para a sua tranquilidade a certeza de que podia ouvi-la se chorasse ou se lhe acontecesse alguma coisa...

Clarice dissera de sua justiça: «A menina tem de ter o quarto, com as suas coisas por perto. Vai por mim, ambas descansarão melhor. Se a tiveres

ao teu lado, vais estar a noite toda pendente de cada suspiro, de cada movimento. Ela precisa de ter o seu espaço e vocês o vosso. Além disso, não acho que seja muito saudável para a menina partilhar o quarto com dois adultos, depois as crianças habituem-se e mais tarde não há maneira de as levar para o quarto.»

Ela também lera os livros de uma caterva de prestigiados pediatras decididos a instruir uma nova geração de crianças educadas no sofrimento, as quais não se deviam pegar ao colo em demasia e que não deviam ser consoladas nos ataques de frustração, porque precisavam de aprender a ser independentes e a administrar os respectivos fracassos e medos. O estômago de Amaia revolvía-se face a tanta estupidez. Partia do princípio de que se algum desses ilustres peritos se tivesse visto obrigado como ela a «administrar» o seu medo desde a infância, talvez a visão que possuíssem do mundo fosse um bocadinho diferente. Se a filha quisesse dormir com eles até aos três anos, parecia-lhe perfeito: queria consolá-la, escutá-la, dar e retirar importância aos seus pequenos temores, que como ela tão bem sabia podiam ser enormes também numa criança pequena. Contudo, era evidente que Clarice tinha as suas ideias sobre como estas coisas deviam ser feitas e estava disposta a partilhá-las com o mundo.

Três dias antes, ao chegar a casa, Amaia deparara-se com o presente-surpresa da sogra, um magnífico quarto com armários, trocador de fraldas, camiseiro, cómoda, tapetes, candeeiros. Um tédio de nuvens e cordeirinhos cor-de-rosa, de laços e rendas por todo o lado. James esperara por ela à porta com cara de caso e ao mesmo tempo que a beijava sussurrara-lhe uma desculpa ao ouvido, «Fez tudo com a melhor das intenções», o que já havia alarmado Amaia o suficiente a ponto de lhe congelar o sorriso diante daquele enjoo de cor-de-rosa enquanto avaliava o facto de estar a ser alienada e marginalizada dentro da sua casa. Clarice, não obstante, mostrava-se encantada, movimentando-se entre os móveis novos como uma apresentadora de televentas, ao passo que o sogro, impassível como sempre diante da sua enérgica mulher, continuava a ler o jornal sentado na sala e sem se perturbar. Amaia tinha dificuldade em imaginar que Thomas fora o director de um império financeiro nos Estados Unidos; na presença da mulher, comportava-se com uma mistura de submissão e de indolência que eram sempre surpreendentes para ela. Amaia teve

consciência do quanto James se sentia desconfortável, e foi só por isso que procurou manter a compostura enquanto a sogra lhe ia mostrando o maravilhoso quarto que lhe havia comprado.

– Olha que armário tão bonito, aqui cabe a roupa toda da menina, e o trocador de fraldas tem lá dentro um guarda-roupa completo. Não vais negar que os tapetes são lindos e aqui – disse a sorrir, satisfeita –, o mais importante: um berço digno de uma princesa.

Amaia admitiu que o enorme berço cor-de-rosa era próprio de uma infanta e tão grande que a menina podia dormir nele até aos quatro anos.

– É bonito – obrigou-se a dizer.

– É lindo, e assim poderás devolver o depósito de lenha à tua tia.

Amaia saiu do quarto sem responder, meteu-se no quarto e esperou por James.

– Oh, lamento, querida, não o fez com má intenção, mas a minha mãe é assim mesmo, vão ser só mais uns dias. Sei que estás a ter muita paciência, Amaia, e prometo-te que assim que os dois se forem embora vamos desfazer-nos de tudo aquilo de que não gostes.

Aceitara, por causa de James e porque não tinha forças para discutir com Clarice. James tinha razão, estava a ter muita paciência, algo que não se coadunava com o seu feitio. Esta seria a primeira vez que permitia que alguém a manipulasse, mas nesta última fase da gravidez alguma coisa mudara nela. Há dias que não se sentia bem, toda a energia de que havia gozado nos primeiros meses havia desaparecido, sendo substituída por uma apatia não usual nela, e a presença dominante da sogra vinha realçar ainda mais a sua falta de forças. Voltou a examinar as roupinhas nas prateleiras e chegou à conclusão de que já estava farta de tudo o que Clarice tinha comprado. Os seus excessos de avó de primeira viagem punham-na doente, se bem que havia algo mais, e o facto é que teria dado em segredo qualquer coisa para poder sentir essa embriaguez de felicidade cor-de-rosa que acometia a sogra.

Desde que engravidara, apenas comprara para a menina um par de botinhas de tricô, camisolinhas interiores e *babygrows* e uns quantos pijaminhas de cores neutras. Partia do princípio de que o rosa não era a sua cor favorita. Quando via numa montra os vestidinhos, os casaquinhos, os chambres e todos aqueles objectos cravejados de laços e florzinhas



aplicadas, achava que eram bonitos, adequados para vestir uma pequena princesa, mas quando os segurava na mão sentia uma repulsa frontal face a tanta patetice ridícula e acabava por não comprar nada, confusa e aborrecida. Não lhe haveria de cair mal um pouco do entusiasmo de Clarice, que se desfazia em exclamações apreciativas diante dos vestidinhos com sapatinhos a condizer. Sabia que não podia ser mais feliz, que havia amado aquela criança desde sempre, desde que ela era uma miúda obscura e desditosa e sonhava em ser mãe um dia, uma mãe de verdade, um desejo que ganhou forma quando conheceu James e que chegou a atormentá-la com a dúvida e o medo quando a maternidade ameaçou não chegar, a ponto de ponderar submeter-se a um tratamento de fecundidade. E então, há nove meses, e enquanto investigava o caso mais importante da sua vida, engravidara.

Era feliz, ou pelo menos achava que devia sê-lo, e isso confundia-a ainda mais. Até há pouco tempo tinha-se sentido plena, contente e segura como há anos não se sentia, e no entanto, nas últimas semanas, novos temores, que eram na realidade tão velhos como o mundo, haviam regressado de forma furtiva, infiltrando-se nos seus sonhos enquanto dormia e sussurrando-lhe palavras que conhecia e que não queria reconhecer.

Uma nova contracção menos dolorosa porém mais longa retesou-lhe o ventre. Consultou o relógio. Vinte minutos desde a última que sentira no parque.

Ia ao restaurante onde haviam combinado almoçar, porque Clarice não aprovava que James cozinhasse todos os dias, e entre as insinuações de que deviam contratar empregados lá para casa e face ao risco de um dia destes ao chegar a casa poder dar de caras com a evidência de que tinham um mordomo inglês, haviam optado por almoçar e jantar fora todos os dias.

James havia escolhido um restaurante moderno numa rua paralela à Calle de Mercaderes, onde moravam. Clarice e o silencioso Thomas sorriam generosos martínis quando Amaia chegou. James levantou-se assim que a viu.

– Olá, Amaia, que tal te sentes, amor? – perguntou-lhe beijando-a nos lábios e afastando a cadeira para que pudesse sentar-se.

– Bem – respondeu, ponderando na possibilidade de lhe contar alguma coisa a respeito do início das contracções. Olhou para Clarice e chegou à conclusão de que o melhor a fazer era ficar calada.

– E a nossa pequena? – perguntou James a sorrir, pousando uma das mãos sobre o ventre da mulher.

– «A nossa pequena» – repetiu Clarice com sarcasmo. – Parece-vos normal que a uma semana do nascimento da vossa filha ainda não tenham escolhido um nome para ela?

Amaia abriu a ementa e fingiu ler depois de deitar um olhar a James.

– Então, mamã, outra vez o mesmo assunto, há uns quantos nomes de que gostamos, mas não conseguimos decidir-nos por um, por isso vamos esperar que a menina nasça. Quando virmos a carinha dela decidiremos como vai chamar-se.

– Ai, sim? – interessou-se Clarice. – E de que nomes se lembraram? Clarice, se calhar? – Amaia bufou. – Não, não, digam-me em que nome pensaram – insistiu Clarice.

Amaia ergueu os olhos da ementa ao mesmo tempo que uma nova contracção lhe retesava o ventre durante uns segundos. Consultou o relógio e sorriu.

– A verdade é que já me decidi – mentiu –, mas desejo que seja uma surpresa. Só posso adiantar que não será Clarice, não gosto dos nomes repetidos dentro da família, acho que cada um deve ter a sua identidade.

Clarice deitou-lhe um sorriso de esguelha.

O nome da pequena era o outro míssil que Clarice lançava contra ela sempre que tinha oportunidade. Como iria chamar-se a menina? A sogra havia insistido tanto que James chegara a sugerir que escolhessem um nome de uma vez por todas, só para que a mãe desistisse do assunto. Irritara-se com ele. Era só o que faltava: ia ter de escolher um nome só para satisfazê-la?!

– Para satisfazê-la não, Amaia; precisamos de escolher um nome porque vamos ter de chamar a menina de algum modo e parece que tu nem queres pensar no assunto.

E a exemplo do que acontecia com o caso das roupinhas, Amaia sabia que eles tinham razão. Havia lido sobre o assunto e ficara tão preocupada que no fim acabara por perguntar à tia Engrasi.

– Bem, eu nunca tive bebês, por conseguinte não posso falar por experiência, mas a nível clínico sei que isso é bastante comum nas mulheres que são mães pela primeira vez e sobretudo nos pais. Quando já se teve um filho, uma pessoa sabe o que vai enfrentar, já não há surpresas, mas durante a primeira gravidez costuma acontecer que, apesar de o ventre crescer, algumas mães não são capazes de relacionar as modificações ocorridas com o seu corpo com a presença de um bebé real. Hoje em dia, com as ecografias e a possibilidade de escutar o coração do feto e poder saber-se o sexo do bebé, a impressão de realidade do filho que se espera agudiza-se, mas dantes, quando não era possível ver o bebé até ao momento do parto, eram muitos os que só tomavam consciência de que tinham um filho quando podiam segurá-lo nos braços e olhar para a sua carinha. As inseguranças que te inquietam são muitíssimo normais – disse a tia, pousando a mão sobre o seu ventre. – Vai por mim, não se está preparado para o que ser pai ou mãe pressupõe, apesar de alguns o disfarçarem bastante bem.

Pedi um prato de peixe em que mal tocou e verificou que as contracções se distanciavam e perdiam intensidade quando se encontrava em repouso.

Enquanto tomavam o café, Clarice voltou à carga.

– Já foram ver jardins-de-infância?

– Não, mamã – respondeu James, pousando a chávena em cima da mesa e fitando-a com cansaço. – Não fomos ver nada, porque não vamos pôr a menina num infantário.

– Bom, nesse caso vão procurar uma ama para cuidar dela em casa quando Amaia voltar ao trabalho.

– Quando Amaia voltar ao trabalho, eu cuidarei da minha filha.

Clarice abriu desmesuradamente os olhos e olhou para o marido tentando encontrar uma cumplicidade que não achou num sorridente Thomas, que abanava a cabeça ao mesmo tempo que sorvia o seu chá vermelho.

– Clarice... – avisou. Aquelas repetições do nome da mulher sussurrado em tom de censura eram o mais parecido com um protesto que chegava a sair da boca de Thomas.

Clarice fez-se de desentendida.

– Não estão a falar a sério. Como vais cuidar da menina? Não percebes patavina de bebés.

– Aprenderei – respondeu James, divertido.

– Aprender? Pelo amor de Deus! Vais precisar de ajuda.

– Já temos uma mulher-a-dias que vai lá a casa fazer algumas horas.  
– Não estou a falar de uma mulher-a-dias que venha quatro horas por semana, estou a referir-me a uma ama, uma empregada que se ocupe da menina.

– Serei eu a fazer isso, vamos fazê-lo entre os dois, foi isso que ambos decidimos.

James parecia divertir-se, e a avaliar pela expressão de Thomas, deduziu que ele também. Clarice bufou e adoptou um sorriso tenso e um tom de voz pausado que indicava o supremo esforço que estava a fazer para ser razoável e paciente.

– Eu entendo estas coisas dos pais modernos que dão de mamar aos filhos até estes terem dentes, que os deixam dormir na sua cama e que querem fazer tudo sozinhos e sem ajuda, mas, filho, tu também tens de trabalhar, a tua carreira encontra-se num momento muito importante, e durante o primeiro ano a bebé não te dará tempo nem para respirar.

– Acabo de terminar uma colecção de quarenta e oito peças para a exposição do Guggenheim do ano que vem e possuo trabalhos de reserva de sobra para poder tirar algum tempo para dedicar à minha filha. Além disso, a Amaia não está sempre ocupada, tem alturas com mais trabalho, mas o normal é que chegue cedo a casa.

Amaia reparou como o ventre se retesava debaixo da blusa. Desta vez foi mais doloroso. Respirou devagar tentando disfarçar e olhou para o relógio. Quinze minutos.

– Estás pálida, Amaia, sentes-te bem?

– Estou cansada, acho que vou para casa deitar-me um bocado.

– Bem, o teu pai e eu vamos às compras – declarou Clarice –, caso contrário terão de cobrir essa criança com folhas de parreira. Encontramo-nos aqui para jantar?

– Não – atalhou Amaia. – Hoje vou comer qualquer coisa leve em casa e tentarei descansar. Tinha pensado em ir às compras amanhã, vi uma loja que vende uns vestidinhos lindos.